

ARTE E COMÉRCIO

POR José Cardoso Pires

Já sabemos! Os defeitos de «Saltimbancos» estão à vista. Não há que desculpá-los perante o grande público, com razões que poderiam ser, sem sombra de favor, justificativas de mérito. Que o filme feito sem qualquer protecção comercial, que a boa-vontade dos colaboradores lutou em muito ou em pouco contra uma campanha adversa, inclusive da parte de autoridades responsáveis — isso nada tem que preocupar ou servir de nócio crítico para a opinião das plateias.

Não vale portanto a pena falar aqui deste ou daquele deslize de interpretação, do pouco feliz, da má sequência, de um ou outro diálogo mal desenvolvido — são coisas que os especialistas não hão-de deixar de focar e, os mal intencionados, com comprimento de exaqueros.

«Opinião das plateias» — dizia eu a abrir esta Carta... E estou a ouvir uma falange de cineastas a argumentarem que sabem muito bem que a nossa produção cinematográfica é inferior mas que assim tem que ser porque há que ter em mente o movimento das bilheteiras e porque vai melhor ao encontro dos gostos das plateias. Do tal gosto das plateias...

Isto poderá ser verdade, as estatísticas comerciais poderão prová-lo. Admitamo-lo. Mas será honesto manter este gosto e este público? Qual a diferença que há nesta atitude para com uma opinião pública viciada e a do honrado cidadão que engana crianças com balelas?

Parece-me que os resultados serão os mesmos: as crianças crescerão e não hão-de tardar muito em dizer aos quatro ventos que o tal honrado cidadão não passava de um mistificador e mais — de um covarde.

Mas parece-me ainda mais que a tal atitude de fabricar maus filmes com respeitáveis e comerciais desculpas, tem uma determinante muito mais forte, e que vem a ser a da incapacidade de fazer o mesmo com riscos de fracasso uma coisa séria. É que no mau tudo é fácil e admissível, no bom nada se tolera que venha em prejuízo do nível geral.

Por esta sólida razão, Manuel Guimarães veio trazer ao

simpático chinêsito que por fantasia é seu irmão, mas não para dar ao filme um *happy-end*. Não se trata de um final feliz, convencional, falso. Entre o sonho e a vida, entre o futuro e o passado, entre a ambição e o amor, Delmirinha escolhe. Escolhe a vida desgraçada, e sem esperança, triste e desolada, que lhe repugna.

«Saltimbancos» é, no quadro da cinematografia portuguesa, uma obra excepcional. Onde a regra geral é o mediocre, registemos com prazer esta excepção. E não tenhamos receio de afirmar que ao pé de muitas obras estrangeiras, «Saltimbancos» não nos envergonha: tem nível e tem categoria técnica.

Com os seus defeitos e as suas qualidades, «Saltimbancos» vem mostrar que se abre ao cinema português um caminho realista. Esta tentativa de realismo cinematográfico, é já uma obra séria. E o que não é menos importante: uma obra que permite profetizar que Manuel Guimarães é capaz de fazer melhor.

nosso cinema o primeiro passo que há muito se esperava e que, já longe, Brun do Canto um realizador que tanto prometia e tão pouco cumpriu anunciara com essa película de inequívolo mérito que foi a «Canção da Terra».

Com os vários defeitos — que vêm do argumento à realização — *Saltimbancos* fica na nossa história de cinema (que ainda nem as primeiras letras sabe balbuciar) como o primeiro filme inteiro, de intenção firmemente honesta e nada transigente com êxitos fáceis, que se produziu em Portugal.

Daí apontam-se-lhe tão incisivamente fracassos que na quase totalidade da nossa produção cinematográfica são lugares comuns habitualmente desculpados, mas que nada poderão contra o significado actual e o valor incontestável que tem e que o colocam sem paralelo nos filmes lançados pelos estúdios portugueses.

Representação equilibradíssima com um excepcional desempenho de Elga Liné e do pequeno Jorge Tu-Ching, cenas cinematograficamente bem contadas como é raríssimo entre nós, apontamentos de poesia de quilate como o de certa passagem em que Elga Liné está estendida nas ervas ao lado de Artur Semedo (Cocteau surpreender-se-ia com o sentido plástico deste enquadramento...) — são qualidades que francamente superam as deficiências de *Saltimbancos*. Mas há ainda o sentido, o valor funcional da película. Isto não parece necessário sublinhar mais, posto que sei de outras opiniões que foram dadas à *Imagem* por críticos e intelectuais de renome que abordam este mesmo tema e, por certo, com mais proficiência do que eu. Mas há ainda um pormenor que me resta frizar e que em muito enaltece o valor desta película, ao contrário do que à primeira vista se pudesse supor:

Soube particularmente que foi difícil e cheia de peripécias significativas a colocação de «Saltimbancos» num *ecran* de Lisboa e que, em contrapartida, um outro filme estreado esta semana há muito que estava comprometido para um dos melhores salões de projecção da capital. Isto diz tudo. Vi ambos em sessão privada e admitindo o conceito dos empregatários acho que tinham plenamente razão. Destes dois filmes portugueses é impossível deixar de tomar partido por um, de excomungar um deles para que o outro fique.

E não há dúvida que os empregatários escolheram com certo humorismo. «Saltimbancos» teve que ficar por força de partes. Os dois é que não. Com Judas e com os Anjos, só na Corte Celestial onde tudo se perdoo. E os críticos o que farão?

Como poderá *Fulano* dizer bem de uma parada de procições, anedotas reles, comperes de incrível baixeza artística — e bater também palmas a um filme como *Saltimbancos*?

O que espanta é que há gente para tudo. Para aplaudirem indistintamente o *Hamlet* e o *Camões* ou — pior ainda — o *Bocage*; para acharem a mesma graça ao *Pai Tirano* que ao *Pigmaleão*. Falarão eles em nome da plateia, da ignorância ou da maldade?

«Saltimbancos» é o primeiro filme português sério que não faz rir.

ADOLFO CASAS MONTEIRO